



Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2019

Willian Douglas Guilherme

(Organizador)

Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I62 Investição científica nas ciências humanas e sociais aplicadas
[recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. –
Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação
Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-267-8

DOI 10.22533/at.ed.678191604

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades – Pesquisa –
Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os artigos reunidos retratam o objetivo proposto na organização deste livro que é demonstrar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica nas áreas da Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente a educação, a administração e o direito.

O livro “Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” está organizado em 03 volumes. Este 1º volume reúne um total de 24 artigos, sendo na 1ª parte, 10 artigos voltados especificamente para as Ciências Humanas, com destaque especial à história da educação, educação especial, literatura, Libras, estudos de casos, história e sociologia.

E na 2ª parte, voltada às Ciências Sociais Aplicadas, temos 10 artigos que irão discutir temas como o marketing empresarial, propostas de inovação de processos, gestão social, contabilidade e gastronomia, seguidos por mais 04 artigos que apresentam debates e resultados dentro do contexto jurídico com temas, por exemplo, sobre a imigração no Brasil e militarização das políticas públicas.

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas federais e estaduais, distribuídas entre 14 estados, com destaque ao Estado do Ceará, que mais contribuiu neste 1º volume.

Assim fechamos este 1º volume do livro “Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, socializando resultados de pesquisas e inovações e dando continuidade a disseminação do conhecimento.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM AUTISMO	
<i>Roger Freitas da Costa</i>	
<i>Denize de Melo Silva</i>	
<i>Marcos Antônio Martins Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916041	
CAPÍTULO 2	6
A LENDA DO DRAGÃO CÍCERO: PROJETO DE LIVRO INFANTIL	
<i>Hélio Parente de Vasconcelos Neto</i>	
<i>Thaís Urano de Carvalho Ferreira</i>	
<i>Ranielder Fábio de Freitas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916042	
CAPÍTULO 3	13
ENTRE LEMBRANÇAS E RUÍNAS: A CASA-DEGRADAÇÃO NO LIVRO DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM	
<i>José Airton Nascimento Diógenes Baquit</i>	
<i>Karla Patrícia Martins Ferreira</i>	
<i>Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco</i>	
<i>Rochelle de Arruda Moura</i>	
<i>Sylvia Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916043	
CAPÍTULO 4	20
WORKSHOP DE LIBRAS: PERCEPÇÃO DO ALUNO PARTICIPANTE COM A MEDIAÇÃO DO MONITOR	
<i>Ana Rebeca Medeiros Nunes de Oliveira</i>	
<i>Deborah Eduardo Saraiva</i>	
<i>João Carlos Memória Machado</i>	
<i>Willer Cysne Prado e Vasconcelos</i>	
<i>Chrystiane Maria Veras Porto</i>	
<i>Marilene Calderaro Munguba</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916044	
CAPÍTULO 5	27
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: ANÁLISE DA QUEIXA DE CRIANÇAS DO 3º ANO DE ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO VELHO-RO E ELABORAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE SUPORTE	
<i>Ana Paula de Souza Medeiros</i>	
<i>Fátima Queiroga</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916045	

CAPÍTULO 6 40

CAMADAS DE MEMÓRIA ENTRELAÇADA DA ESCOLA DE MÚSICA E DO AUTOMÓVEL CLUBE DO BRASIL

Romulo Augusto Pinto Guina
Patricia Luana Costa Araujo
Karolyne Linhares Longchamps Fonseca
Evelin Gomes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6781916046

CAPÍTULO 7 56

O ENSINO DA CULTURA ATRAVÉS DO VIDEOGAME – ESTUDO DE CASO DO JOGO NEVER ALONE

Hélio Parente de Vasconcelos Neto
Maria Aurileide Ferreira Alves

DOI 10.22533/at.ed.6781916047

CAPÍTULO 8 66

O GTDN E A PROPOSTA DE DESINTEGRAÇÃO DO CAMPESINATO COMO CONDIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO NORDESTE

Francisco Antonio da Silva
Alba Maria Pinho de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.6781916048

CAPÍTULO 9 85

DESCORTINANDO UM BAIRRO: NARRATIVAS HISTÓRICAS, CARACTERÍSTICAS GERAIS E REFERÊNCIAS SIMBÓLICAS DO BAIRRO BENFICA, FORTALEZA-CE

Suiany Silva de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.6781916049

CAPÍTULO 10 99

ENSAIO SOBRE AS METAMORFOSES DOS CORPOS DOS MORADORES DE RUA EM CUIABÁ: CORPO CARACOL, CORPO SUPORTE E CORPO DISSOLVENTE

Juliano Batista dos Santos
Alyne Ramos de Campos dos Santos
José Serafim Bertoloto

DOI 10.22533/at.ed.67819160410

PARTE II - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CAPÍTULO 11 113

A CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA LOCAL DE INOVAÇÃO DE JUIZ DE FORA SOB A PERSPECTIVA DA TRIPLE HÉLICE

Nayara Gonçalves Lauriano
Cássia Viviani Silva Santiago

DOI 10.22533/at.ed.67819160411

CAPÍTULO 12	129
CONTRIBUIÇÕES AO EXPOSURE DRAFT ED/2013/9 – IFRS FOR SMES: PROPOSTAS DE MUDANÇAS PARA PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS	
<i>Marco Túlio José de Barros Ribeiro</i>	
<i>Aline Rúbia Ferraz de Freitas</i>	
<i>Luiz Carlos Marques dos Anjos</i>	
<i>Umbelina Cravo Teixeira Lagioia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160412	
CAPÍTULO 13	149
MARKETING E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS FITOSSANITÁRIOS NO AGRONEGÓCIO DO CENTRO SUL CEARENSE	
<i>Ednael Macedo Felix</i>	
<i>João José Anselmo dos Santos</i>	
<i>Hudson Josino Viana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160413	
CAPÍTULO 14	166
INOVAÇÃO POR DIFERENCIAÇÃO: UMA ESTRATÉGIA DE MARKETING PARA AS ACADEMIAS DO RIO DE JANEIRO	
<i>Fabrcio Pereira Privat</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160414	
CAPÍTULO 15	181
ELEMENTOS QUE FRAGILIZAM O ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E EMPREENDEDOR – CASOS DA INCUBADORA PIEBT DE BELÉM (UFPA) E DA ARCA MULTINCUBADORA DE CUIABÁ (UFMT)	
<i>Ivana Aparecida Ferrer Silva</i>	
<i>Patricia Cristiane de Souza</i>	
<i>Iara Neves Oliveira</i>	
<i>Thairiny Alves Valadão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160415	
CAPÍTULO 16	197
GESTÃO SOCIAL: PRÁTICAS ADOTADAS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ NO CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO	
<i>Antevânia Queiroz de Abreu</i>	
<i>Dayvid Diego Aragão de Brito</i>	
<i>Francisco Aurílio Vieira</i>	
<i>Mara Águida Porfírio Moura</i>	
<i>Kelsen Arcângelo Ferreira e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160416	
CAPÍTULO 17	206
RESPONSABILIDADE SOCIAL VIA PROJETO REVIVER DO CARIRI	
<i>Amanda Rávilla Valério Xavier</i>	
<i>Marcus Vinicius de Oliveira Brasil</i>	
<i>Raiane de Alencar Alves</i>	
<i>Tiago Esmeraldo Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160417	

CAPÍTULO 18	213
PERICIA CONTÁBIL: ESTUDO DA TABELA PRICE E A COBRANÇA DE JUROS SOBRE JUROS	
<i>Fernanda Regina Manoel</i>	
<i>João Vitor Dos Santos Ramos</i>	
<i>Thiago Gonçalves de Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160418	
CAPÍTULO 19	225
GASTRONOMIA SOCIAL: UMA ANÁLISE SENSORIAL DE PÃES PRODUZIDOS NO CURSO DE PANIFICAÇÃO	
<i>Barbara Cassetari Sugizaki</i>	
<i>Ilana das Neves Barbosa</i>	
<i>Eveline de Alencar Costa</i>	
<i>Aline Kessia Ferreira Marques</i>	
<i>Eduardo Torres Ferreira</i>	
<i>Vanessa Noronha Freire</i>	
<i>Rafael Queiroz Gurgel do Amaral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160419	
CAPÍTULO 20	231
CONCEPÇÃO CONCEITUAL DE SISTEMA DE ARMAZENAMENTO E PREPARO DE REFEIÇÕES PARA CAVALOS MECÂNICOS	
<i>Eros S. R. Rocha</i>	
<i>Mikael Lopes</i>	
<i>Marcelo G. Teixeira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160420	
CAPÍTULO 21	242
A IMPORTÂNCIA DA IMIGRAÇÃO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA	
<i>Eduardo da Costa Kerber</i>	
<i>Renato Duro Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160421	
CAPÍTULO 22	254
POR QUE NÃO FAZER DIFERENTE? A PERSISTÊNCIA DA MILITARIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO	
<i>Walter José Moreira Dias Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160422	
CAPÍTULO 23	264
PROIBIÇÃO DAS DECISÕES SURPRESA À LUZ DO PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO INTERSUBJETIVA	
<i>Rafaela Soares Ramos Falcão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160423	

CAPÍTULO 24	273
PROJETO DITADURA NUNCA MAIS: 50 ANOS DO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 <i>Sarah Antunes Dorcino</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160424	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	277

ENSAIO SOBRE AS METAMORFOSES DOS CORPOS DOS MORADORES DE RUA EM CUIABÁ: CORPO CARACOL, CORPO SUPORTE E CORPO DISSOLVENTE

Juliano Batista dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso,
Faculdade de Comunicação e Artes, Programa
de Pós-Graduação em Estudos de Cultura
Contemporânea.

Cuiabá – Mato Grosso

Alyne Ramos de Campos dos Santos

Universidade de Cuiabá, Programa de Pós-
Graduação em Ciências Ambientais.

Cuiabá – Mato Grosso

José Serafim Bertoloto

Universidade Federal de Mato Grosso,
Faculdade de Comunicação e Artes, Programa
de Pós-Graduação em Estudos de Cultura
Contemporânea.

Universidade de Cuiabá, Programa de Pós-
Graduação em Ensino.

Cuiabá – Mato Grosso

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo trazer à tona as principais funções desempenhadas pelos corpos dos moradores de rua em Cuiabá. Mais precisamente da população que vive na Região Centro Norte. Para tanto, empregamos à pesquisa e à construção do texto uma reflexão teórico-empírica. Em um primeiro momento, fomos a campo para observar e conhecer a condição das pessoas em situação de rua, para em seguida, baseando em teorias de diferentes áreas do conhecimento, mostrarmos quais são as três principais funções corporais da população

de rua na capital mato-grossense, denominadas metaforicamente de corpo caracol, corpo suporte e corpo dissolvente. Os corpos dos moradores de rua são, portanto, neste trabalho, a chave e o fundamento ao entendimento de funções corporais pouco significativas na vida privada, mas que nos espaços públicos são comuns, diárias e corriqueiras à sobrevivência dos sujeitos que fazem das ruas e baixios arquetônicos a sua “casa”.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Cuiabá, Corpos, Funcionalidades, Moradores de Rua.

ABSTRACT: This essay has as objective to bring to the surface the main functions carried out by the homeless bodies in Cuiabá. More precisely of the population than lives in the North Center Region. For so much, we used in the research and the construction of the text a theoretical-empiric reflection. In a first moment, we went to the field to observe and to know the people's condition in street situation, for soon afterwards, basing on theories of different areas of the knowledge, we show which are the three main corporal functions of the street population to in the capital mato-grossense, denominated metaphorically of snail body, support body and dissolving body. The bodies of the homeless are, therefore, in this work, the key and the foundation to the understanding of little significant corporal functions in the private life, but that in the public

spaces are common, daily and commonplace to the survival of the subjects making of the streets and architectural shallows their “home”.

KEYWORDS: City, Cuiabá, Bodies, Functionalities, Homeless.

1 | INTRODUÇÃO

Sobreviver, segundo Darwin (2004), é uma luta intrínseca a todas as espécies. *A homo sapiens* tem, no entanto, uma diferença fundamental em relação aos demais seres vivos. Sua sobrevivência depende da associação entre evolução natural (transmitida biologicamente) e cultural (transmitida por endoculturação).

Fatores geográficos (exteriores ao ser) e biológicos (próprios dos ser) influenciam os processos evolutivos e de adaptação ao meio, embora não os determinem como afirmavam os positivistas. Estar neste, nesse ou naquele lugar, exige de nós o conhecimento de seus territórios, dos espaços e estruturas existentes, dos recursos disponíveis, das possíveis ameaças e dos seres que ali habitam (humanos e não-humanos) (SCHUCH; GEHLEN, 2012).

No caso dos moradores de rua não é diferente. As táticas e riscos de sobrevivência mudam de urbe para urbe. A região, o clima, os costumes, as redes de acolhimento, as políticas públicas sociais de cada município, a economia local, o nível e o padrão de consumo dos cidadãos, entre outros fatores, também influenciam os modos de ser e estar nas ruas. Por exemplo. Morar nas ruas de Cuiabá, uma das cidades mais quentes do Brasil, tem uma lógica diferente das pessoas em situação de rua em Curitiba, uma das capitais mais frias do país.

Pedir, dormir, descansar, conversar, caminhar, ir ou não a determinados lugares, são decisões que levam em consideração *n* variáveis: cotidiano, relações, trajetos, situações, necessidades etc. A concepção, deliberação e execução de nossas ações têm valor subjetivo, o que não implica que as regras e normas coletivas são ignoradas. Todo juízo de valor, independentemente da pessoa, é moldado pela tensão dialética entre os contrários: eu vs. outros, individual vs. coletivo, permitido vs. proibido (BOCAYUVA, 2010).

Se a ação do indivíduo no coletivo (ou ação social) é uma conduta humana com sentido subjetivamente elaborado e orientado para outros seres humanos, então é o próprio indivíduo que dá significado a sua ação e constrói a conexão entre o motivo da ação, a ação propriamente dita e seus efeitos (WEBER, 1993).

Segundo Sartre (1987), a possibilidade de escolhermos *para si* é o que nos torna livres e responsáveis pelos nossos atos. Mas há de se advertir que a liberdade só existe em razão da liberdade dos outros. Ser livre, na concepção existencialista, é poder se movimentar dentro dos limites postos a si pela natureza e pelo coletivo.

Em meio e entre os jogos de forças entre determinação, fatalismo e liberdade, estão os humanos. Cada um com sua particularidade. Universos ímpares que, apesar da interseção com outros universos individuais, não se repetem; são únicos e

singulares em suas formas e essência de ser. O que os diferem, existencialmente, são suas escolhas (SARTRE, 1987).

Se os homens têm em comum a condenação à escolha, as influências nas decisões mudam de pessoa para pessoa, de situação para situação, de cultura para cultura. Então, cada caso deve ser analisado *em si e por si* conforme o entendimento do próprio sujeito e dentro das condições e signos da neotribo à qual pertence (MAFFESOLI, 1998), onde seu passado opera como experiência e o futuro se coloca à razão como uma possibilidade (HUME, 1989).

Analisemos o caso dos moradores de rua. O modo de operar (pensar, enxergar e agir) dessas pessoas é diferente das que possuem residência fixa. Estar nas ruas é bem diferente de nela habitar. A questão do abrigo como mecanismo de proteção, segurança e privacidade permite aos corpos o descanso necessário à sua recomposição física e mental (RODRIGUES, 2015).

Os que habitam nas ruas não desfrutam do direito à residência. Nas ruas, os corpos de seus moradores são abrigos de si mesmo; estão expostos às intempéries e aos perigos, ameaças e coerções típicas das urbes: violência, repressão, discriminação, abandono, homicídio, perseguição, exclusão e proibições de todo tipo (GIORGETTI, 2006).

A ausência de casa e a exposição ao meio (na condição em que se encontram), reconfiguram seus corpos. Eles, aos poucos, adquirem assinaturas inerentes a vida nas ruas: pés sujos e/ou rachados, roupas encardidas e surradas, odores desagradáveis, pele queimada pelo sol e cicatrizes provenientes de brigas e agressões. Marcas que causam incômodo visual e tornam seus corpos abjetos.

Para Frangella (2009, p. 162):

As marcas olfativas, higiênicas e estéticas no corpo dos moradores de rua atualizam, fundamentalmente, a dinâmica criada a partir do confinamento espacial e da subtração material a que estão sujeitos, e configuram os atributos básicos através dos quais esse segmento é identificado e estigmatizado na cidade. A sujeira e a aparência abjeta e envelhecida – decorrentes da falta de lugar, do contato constante com o asfalto sujo, da ausência de estrutura que permita práticas de higiene regulares, da depressão – emergem em primeiro plano na corporalidade dos habitantes de rua na metrópole, tanto nas interações sociais internas a esse universo considerado, quanto na relação com os demais segmentos sociais.

As ruas reconfiguram não apenas a representação simbólica dos corpos, mas também suas funcionalidades e táticas de sobrevivência. As dificuldades enfrentadas no cotidiano e as pressões sociais exercidas sobre os moradores de rua, são/ficam registradas em seus corpos, por isso a importância em observá-los (MAGNANI, 2002). Não é à toa que nos debates e reflexões sobre a população de rua, o elemento central é o corpo.

As funções desempenhadas pelos corpos de quem vive nas ruas, bem como as táticas de sobrevivência de seus moradores, são impensáveis em territórios domésticos, protegidos por muros, grades, paredes e teto. As funcionalidades nascem como

resposta à ausência de um lar para residir e as táticas operam como dispositivos de adaptação e subversão às estruturas vigentes. Uma e outra não estão desvinculadas, elas se complementam.

Em Cuiabá, o levantamento das funções corporais mais comuns e das principais astúcias empregadas pela população de rua em seu dia a dia ocorreu a partir de nossa observação e convivência com os moradores de rua do Centro Norte da capital (DAMATTA, 1978). O que não significa que outras funções e artimanhas inexistem.

As utilidades do corpo e táticas de sobrevivência, portanto, dependem do meio onde se encontra, dos recursos naturais e sociais disponíveis, das relações de poder em jogo, entre outras tantas coisas que pressionam a vida a se enquadrar, a se esquivar, a criar, a contestar, a dar golpes no campo da ordem estabelecida (CERTEAU, 1998), como veremos a seguir.

2 | CORPOS URBANOS ERRANTES E SUAS FUNCIONALIDADES COMO ADAPTAÇÃO ÀS RUAS

A relação entre o corpo e sua condição de vida influencia o seu estado de ser. Na ausência de uma residência, o corpo do indivíduo se torna a sua casa; o lugar de sua existência e refúgio. A exposição direta às intempéries exige dos corpos que vivem nas ruas uma adaptação e resiliência distinta dos corpos que possuem um lar para se abrigarem e se protegerem.

Em Cuiabá, a adaptação dos moradores de rua à cidade e aos recursos nela disponíveis, levou os seus corpos a adquirem funções incomuns aos da vida doméstica. Funções que operam não apenas em sentido utilitarista, mas também em sentido simbólico, dado que a forma como vivemos possui íntima e profunda relação com o nosso comportamento e aparência.

Para Le Breton (2011, p. 10), “o corpo é o coração da ação individual ou coletiva, o cerne do simbolismo social, o corpo é um catalisador de grande capacidade do presente”. Para Rodrigues (2005, p. 29) o “corpo é suporte e fronteira do indivíduo, é através do corpo que as diferenças são demarcadas, as experiências da cultura e das redes de sociabilidades se manifestam”.

Cada sociedade, cada grupo e subgrupo social, cada tribo e neotribo, tem em seu interior, uma visão específica de mundo, expressa por meio signos (explícitos e/ou implícitos) nos corpos de seus membros. Pequenos sinais que nos permitem, por intuição, projetar uma representação possível sobre “quem é” ou “pode ser” fulano e ciclano, embora somente o convívio dirá se estávamos certos ou não (GOFFMAN, 1999).

Nas ruas não é diferente. Lá as aparências também enganam. É comum termos estereótipos de determinados grupos. Quando falamos de punks, por exemplo, nossa imaginação projeta signos relacionados a esse movimento: rock pesado, letras

escatológicas, roupas pretas, coturnos de cano longo, cabelos moicanos, pintados e/ou raspados nas laterais, suspensórios, pulseiras, coleiras e cintos de couro com metais ponte agudos.

Acontece que os símbolos e ornamentos punks não são de uso restrito deles. Há sujeitos que os utilizam e nem por isso se veem como punks. A definição de pertencimento a um grupo não se dá apenas por adesão às representações e símbolos próprios de cada tribo, o sentimento de pertença é o mais fundamental; mais até que o uso dos ornamentos que, na prática, operam como elementos de comunicação à identificação entre os pares (MAFFESOLI, 1998).

No caso da população de rua há um paradoxo em relação ao sentimento de pertença. Mesmo conscientes da condição de estar a viver nas ruas, o discurso entre realidade e desejos pessoais se confundem. Nele, o que vemos, é uma luta interna travada consigo mesmo. Uma resistência psicológica que insiste em não perder a esperança por uma vida melhor, por uma vida fora das ruas (MATTOS, 2006), como nos revelam as falas abaixo de alguns moradores de rua, representados por pseudônimos:

Eni [na rua há 9 anos]: Eu fico na rua só durante o dia. De noite eu durmo lá no armazém pra vigiar. Lá, é minha casa, sabe! (Caderno de campo, maio de 2018).

Ped [na rua há 13 anos]: Eu tô na rua há bastante tempo. Vou alugar um quarto agora. Um baratinho. Na rua é... [silêncio] (Caderno de campo, maio de 2018).

Jo [na rua há 7 anos]: Eu durmo no posto [de gasolina] lá na saída pro Trevo do Largato. Têm umas cabines [de caminhões] abandonadas no pátio. Eu tô morando em uma. Aí pra pagar o dono do posto e ganhar o almoço eu lavo os banheiros (Caderno de campo, julho de 2018).

Fel [na rua há 2 anos]: Eu tenho família aqui. Eu tenho casa pra ficar. Às vezes vou pra lá [casa dos filhos]. Mas como eu bebo, prefiro ficar aqui [na rua] (Caderno de campo, setembro de 2018).

Man [na rua há 4 anos]: Vivo na rua, durmo na rua, como na rua, mas não moro na rua. Não moro em lugar nenhum. Pra morar tem que ser casa, senão não mora ué! [...] Ninguém mora na rua. A gente fica na rua porque não tem pra onde ir (Caderno de campo, setembro de 2018).

A luta não é apenas interior. A cada novo dia, para a nutrição, hidratação e higiene do corpo, os moradores de rua precisam superar estereótipos coletivos, em sua maioria bastante nocivos. Não podemos negar a importância das representações sociais como guia ao nosso comportamento diante do desconhecido (GOFFMAN, 1999). O estereótipo físico é nossa primeira lente à identificação de membros de grupos específicos em sociedade. Ele, ao contrário dos estereótipos moral e intelectual que costumam ser bem preconceituosos, auxilia-nos cotidianamente nas decisões sobre “onde” e “de quem” podemos nos aproximar e/ou devemos nos afastar (VELHO, 2003).

A observação participante *in loco* é, portanto, essencial para a correta identificação dos membros deste, desse ou daquele grupo nas sociedades complexas. Algo diferente das sociedades primitivas cujos membros carregam caracteres culturais comuns uma vez que não existem subgrupos. Nas sociedades primitivas, segundo Clastres (2003), não há separação entre mim e os outros; elas são um nó indiviso, isto é, uma estrutura

social de relações cuja unidade da coletividade é o que mais importa.

Quando comparamos as sociedades de solidariedade mecânica com as de solidariedade orgânica vemos que a questão e visão sobre seus os corpos são bem distintas. “As sociedades tradicionais não distinguem o corpo do indivíduo, que é constituído da mesma matéria que compõe o universo. Já nas sociedades ocidentais e modernas, a cisão entre o corpo e o indivíduo provocou uma ruptura do sujeito com os outros” (RODRIGUES, 2005, p. 29-30).

A dissociação entre corpo e sujeito reconfigurou as relações sociais que, devido a acelerada divisão do trabalho social, deixaram de ser afetivas para se tornarem relações de interdependência (DURKHEIM, 1973); relações que nós definimos como frias por causa da não preocupação com bem-estar do outro, em virtude de a mercadoria, na tensão e jogo de interesses, sobrepor-se aos indivíduos (MARX, 1983).

Estamos sós. Talvez um amigo, um parente, um conhecido nos estenda a mão para ajudar. Coisa rara! No tempo histórico atual uma das características mais marcantes aos homens é a solidão (PAIS, 2006), seja ela na condição de estar só, sem ninguém ao lado para olhar, conversar e compartilhar, seja ela na condição de se sentir sozinho em meio aos demais, conhecidos ou não. Entendemos ser a segunda a mais cruel, pois ser visto e não ser percebido faz do ser um não-ser, quer dizer, transforma-o em nada, tirando-lhe a sua existência e importância no mundo (SARTRE, 1987).

Os moradores de rua estão sujeitos a ambas as formas de solidão. Especialmente à segunda. Porém, nela, a solidão vem mais da ausência de afetos do que de rupturas. Essa última causa, por exemplo, é comum aos idosos ignorados ou abandonados em asilos por pessoas próximas e com as quais possivelmente dividiu momentos e estabeleceu vínculos afetivos. Por isso, há de se admitir que ser “nadificado” por sujeitos que amamos, tem um peso muito maior do que quando feito por desconhecidos.

Apesar de estarem à margem, no último e mais baixo estrato econômico, as pessoas em situação de rua precisam, assim como nós, enfrentar os efeitos e condições nocivas da estrutura social que criamos (LAZZARATO, 2006). A eles, ao contrário de nós, resta-lhes tão-somente o corpo. Um corpo que precisa se adaptar ao pouco, ao escasso, ao quase nada. Adaptação que implica em sobrevivência. Sobrevivência que depende de táticas, de artimanhas sutis. Táticas que para serem eficazes depende do desenvolvimento de funcionalidades exigida pelos corpos às ruas; depende da transformação do corpo em um corpo útil a si e não ao mercado, digno da palavra trabalho em Marx (1983); um corpo cuja finalidade nos remete à razão primeira da evolução: sobreviver apenas.

A reconfiguração do corpo ao desenvolvimento de novas funções, quando são lançados à vida nas ruas, é influenciada pelo meio onde se vive. Nas ruas, os corpos de seus moradores são moldados a partir da interação com os espaços públicos aonde transitam. Em Cuiabá, na Região Centro Norte, devido suas características urbanas e naturais, a adaptação à sobrevivência, condicionada às novas funcionalidades,

transformam os corpos das pessoas em situação de rua em: corpo caracol, corpo suporte e corpo dissolvente (RODRIGUES, 2015).

Não significa que outras funções corporais inexistam na capital mato-grossense ou em outros lugares. Também não significa que elas são comuns a todos os moradores de rua. As tipologias corporais que apresentamos aqui – todas pensadas com base nas funções voltadas especificamente à sobrevivência nas ruas –, operam menos como arquétipos platônicos e mais como categorias interpretativas. Uma categoria que não parte do universal para o particular, mas que busca no particular algo do universal, sem a exigência de uma perfeita simetria entre sujeitos observados e a teoria empregada pelo observador.

2.1 Corpo Caracol: o corpo como abrigo de si

Há corpos cujo abrigo são muros e grades (casas de alvenaria). Há corpos cujo abrigo são cavernas e grutas (casas naturais). Há corpos cujo abrigo são bambus, folhas e palhas secas (ocas). Há corpos cujo abrigo são edificações de pau a pique (casas de sapê). Há corpos cujo abrigo são blocos de gelo (casas de iglus). Há corpos cujo abrigo são restos de papelão, telhas, tábuas, isopor e latão (barracos). Há corpos cujo abrigo são de restos de madeiras suspensas por estacas (casas de palafita).

A residência, como lugar de refúgio aos corpos humanos, é fundamental à nossa sobrevivência. Ter onde morar implica em proteção, saúde, sucesso e bem-estar. A casa é o nosso primeiro útero artificial. Um espaço de referência que nos liga à família, a momentos e relações. É nela que depositamos nossa segurança, privacidade e intimidade.

De acordo com Bachelard (1978, p. 201, grifo do autor):

[...] a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. [...] O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser 'atirado ao mundo' [...] o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. [...] A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa.

Na Semiótica da Cultura, a casa simboliza territorialização e afetividade, indispensáveis ao (re)ordenamento individual e social. Entre tantos espaços que frequentamos, ela é, muito provavelmente, para a grande maioria dos indivíduos, o local mais apropriado à recomposição psicofísica; um lugar de resgate das energias e vitalidades, expropriada de nossos corpos pelo capital, única e exclusivamente em razão do lucro (MARCUSE, 1973).

Aos que não têm casa, resta-lhes apenas o corpo. Um corpo que nas ruas é abrigo de si mesmo. A exemplo dos caracóis, moluscos da classe gastrópode, que

tem fixados junto ao próprio corpo uma concha formada, geralmente, por uma só peça (FERREIRA, 2004). Carapaça calcária que funciona como local de abrigo, recolhimento e proteção. Um artifício evolutivo que lhes confere a possibilidade de morar em si, de morar em seu corpo, de levar sua casa aonde for, visto que seu corpo e casa são um só.

A situação da população de rua se assemelha a dos caracóis. Seus corpos são sua casa. É nele que os moradores de rua se abrigam, se escondem e descansam (Cf. Figura 1). Diferentemente dos corpos nas residências, corpos disciplinados e adaptados à vida doméstica, os corpos caracóis reinventam o modo de ser e habitar (Cf. Figura 2).

A eles, não resta outra opção que não a redução da vida ao próprio corpo e suas necessidades imediatas. Necessidade que, em certa medida, esvazia os indivíduos de sua humanidade, dado que nós, diferentemente dos outros seres vivos, nos caracterizamos mais pelos aspectos culturais do que biológicos.



Figura 1

Fonte: Acervo de Emanoele D. Cruz, 2018.



Figura 2

Fonte: Acervo dos autores, 2018

Logo, quando as necessidades orgânicas do corpo impedem manifestações e criações culturais, os homens se animalizam. Sua história retoma hábitos praticados na origem de nossa espécie, em um período muito anterior as primeiras formações sociais, em que os *homo sapiens sapiens* dirigiam toda a sua existência à alimentação e à reprodução.

2.2 Corpo Suporte: a resiliência como adaptação às dificuldades

Suporte! Termo aqui empregado como adjetivo de corpo. No dia a dia uma condição de resiliência à vida nas ruas. Se divagarmos um pouco sobre essa palavra, antes de conceituá-la aos moldes da presente reflexão, veremos que sua escolha como uma das caracterizações dos corpos dos moradores de rua em Cuiabá, não é por acaso.

Suportar, para os que moram e perambulam pelos espaços públicos da cidade, tem um significado que transcende a própria etimologia da palavra. Nas ruas, suportar pode significar muitas coisas: sustentar, tolerar, condescender; mas, sobretudo,

significa manter-se de pé, seguir em frente, não desistir da vida e, quem sabe, por si ou por sorte, vir um dia a residir em uma casa e não em baixios.

Suporte deriva do verbo suportar que, em regra, é entendido como aguentar, na condição de sujeito passivo. Aquele que suporta, suporta tanto o estado e/ou situação em que se encontra, quanto as ações (ou omissões) advindas de relações estabelecidas com os demais seres humanos, cidadãos ou não.

O corpo suporte, segundo Rodrigues (2005), é o corpo adaptado à vida nas ruas. É o corpo que ao ser exposto às condições de vida subumanas (fome, violência, medo, angústia...) e às intempéries (frio, calor, chuva, vento...) fez da resiliência o artifício para suportar o peso da própria existência frente a extrema vulnerabilidade social e econômica em que se encontra.

Suportar nas ruas é, portanto, sinônimo de resistência física e psíquica. A primeira nasce da necessidade de carregar consigo bens materiais entendidos como indispensáveis à sobrevivência; a segunda se origina da necessidade dos moradores de rua se manterem sãos, de modo a absorverem o sofrimento e enxergarem caminhos menos nocivos às suas trajetórias nas ruas.

A escolha do que levar ou dispensar é subjetiva e depende das variáveis em jogo, sempre influenciadas pelo momento presente: cansaço, peso, libido, vício(s), ameaça(s), dívida(s) etc. Já a resiliência não é uma escolha, é uma capacidade interior; ou se é resiliente ou não é; ou o sujeito se adapta, ou ele enlouquece ou se suicida. Na natureza, resiliência é uma competência exigida a todos seres vivos. Sua ausência implica em extinção da espécie ou a morte e isolamento de alguns de seus membros, considerados pelo grupo, como indivíduos fracos e merecedores dos males que os afligem.

Aos que insistem em se adaptar, em sobreviver, em resistir, resta-lhe o esforço diário à nutrição do corpo e da *psiqué* (ou mente, ou razão). O primeiro com alimentos e o segundo com resiliência. Claro que na condição de pessoa em situação de rua, a força desprendida à superação dos obstáculos é incomparavelmente maior que a dos corpos que repousam sobre a proteção de um teto e quatro paredes.

Naturalmente, a contínua exposição do corpo ao relento o deteriora a uma velocidade que faz jovens parecerem velhos (Cf. Figura 3) e idosos parecerem doentes (Cf. Figura 4). Em outras palavras: a transformação do corpo em suporte ou em lugar de/para suporte, como adaptação ao sofrimento causado pelo abandono e exclusão social, revela um preço bastante elevado a ser pago pela população de rua: a dissolução da vitalidade de seus corpos.



Figura 3

Fonte: Acervo de Emanuele D. Cruz, 2018.



Figura 4

Fonte: Acervo de Emanuele D. Cruz, 2018.

2.3 Corpo Dissolvente: do belo ao feio – a deterioração da aparência e da moral

Viver nas ruas implica em reduzir a própria existência ao corpo. Jogado às favas, dentro das piores condições subumanas, ele vai aos poucos se deteriorando, perdendo sua saúde física e mental, tornando-se feio e imoral como nos mostra os versos da canção *O resto do mundo* do cantor e compositor Gabriel o Pensador (1993). Uma letra em que o narrador-personagem, um morador de rua, fala sobre sua situação e vida:

Eu não tenho nome / Eu não tenho identidade / Eu não tenho nem certeza se eu sou gente de verdade / Eu não tenho nada / Mas gostaria de ter / [...] / Eu gostaria de ter um pingo de orgulho / Mas isso é impossível pra quem come o entulho / Misturado com os ratos e com as baratas / E com o papel higiênico usado / Nas latas de lixo / Eu vivo como um bicho ou pior que isso / Eu sou o resto / O resto do mundo / Eu sou mendigo, um indigente, um indigesto, um vagabundo / Eu sou... Eu não sou ninguém / Eu tô com fome / Tenho que me alimentar / Eu posso não ter nome, mas o estômago tá lá / Por isso eu tenho que ser cara-de-pau / Ou eu peço dinheiro ou fico aqui passando mal / Tenho que me rebaixar a esse ponto porque a necessidade é maior do que a moral / Eu sou sujo eu sou feio eu sou antissocial / [...] / Honra? / Não tenho.

Diante das dificuldades enfrentadas cotidianamente, o corpo se coloca como linha de frente. Em meio ao frio, ao calor, ao sol, a chuva e ao vento, o refúgio é o corpo. Em meio a escassez, a humilhação e a perseguição, a resistência é o corpo. Em meio as angústias, as dores e ao sofrimento, a resiliência é o corpo. Em meio a fome, a dor e ao medo, o recolhimento é o corpo.

O corpo é a única certeza material das pessoas em situação de rua. Todo o restante são possibilidades de aquisição. O termo propriedade está condicionado a sua posse. Nas ruas perder, trocar, abandonar ou ter objetos pessoais roubados, é uma constante, por isso a importância de mantê-los junto ao corpo, como uma espécie de extensão de si mesmo, aos moldes de um corpo cabide, isto é, que carrega tão-somente o que é capaz de suportar (Cf. Figura 5).

O problema é que ao colocar o corpo como a primeira e última fronteira à sobrevivência nos espaços públicos urbanos, ele se dissolve, se desvanece, se

deteriora mais rápido do que nos ambientes domésticos. Aos poucos os sinais de uma vida nas ruas vão nele se sendo registradas, conferindo-lhes a aparência de indigente, de mendigo, de morador de rua.

A pela encardida, o olhar perdido, o cheiro fétido, os cabelos sujos, os pés rachados, o tronco magro e/ou os membros esqueléticos são marcas corriqueiras de seus corpos. O que não significa que elas estão presentes em toda a população de rua. Longe disso. Significa que ao ingressar em um lugar, território ou condição de vida nova, diferente da anterior, o corpo adquire características próprias, típicas dos sujeitos que ali vivem.

Nesse sentido, os corpos se reconfiguram (ou são configurados) conforme as pressões sociais, econômicas e naturais do ambiente. Mesmo que se lute contra estereótipos e características típicas do grupo social a que se pertence, algumas de suas marcas, aparências e símbolos serão/ficarão registrados nos corpos, mentes e/ou atos de seus pares. Não há como escapar das influências ao redor. No caso dos corpos urbanos errantes, dissolver-se é a sua condição *a posteriori* (Cf. Figura 6).



Figura 5

Fonte: Acervo de Emanoele D. Cruz, 2018.



Figura 6

Fonte: Acervo de Emanoele D. Cruz, 2018.

3 | CONCLUSÃO

O corpo na vida privada é moldado conforme os valores estabelecidos por cada sociedade. Entre “quatro paredes” o corpo se mostra ao próprio eu e à familiares. Sua exposição, intimidade e aproximações depende do grau de intimidade entre os sujeitos; mas não só. Também depende do lugar onde se encontra e do que está a acontecer no local.

A modulação dos corpos na vida privada está submetida a um jogo de “forças” e “fatos” sociais que influenciam nossas emoções, regulam nossas ações e direcionam os nossos comportamentos quando em grupos. Algo que na prática opera como um dispositivo de disciplina (FOUCAULT, 1999) e controle (LAZZARATO, 2006) que visa estabelecer parâmetros de como os corpos devem ser, portar, relacionar e se mostrar.

Os desvios de conduta, contudo, são frequentes. A subversão aos modelos idealistas impostos a todos nós, é a regra do cotidiano. Minorias resistem diariamente

aos arquétipos reguladores que tentam anular o que os homens têm em comum: a diferença. No centro de tudo isso: o corpo com seus sentidos e sentimentos.

Todavia, da casa (ou vida privada) à rua (ou vida pública, no sentido de não possuir proteção e privacidade), a lógica é outra. Ao deixar as condições da vida doméstica para viver nas ruas, independentemente das razões, o corpo é reconfigurado para suportar, se adaptar e sobreviver às novas condições em que se encontra. Táticas de sobrevivência antes desconhecidas emergem. Funções impensáveis aos corpos na vida privada também. Uma e outra se complementam e somam forças frente aos desafios de morar, viver e sobreviver nas ruas das urbes.

Atento a essas questões, nossa investigação se esforçou em trazer à tona as principais funções desempenhadas pelos corpos dos moradores de rua na cidade de Cuiabá. Mais precisamente da população de rua que vive na Região Centro Norte da capital mato-grossense.

Em um primeiro momento, fomos a campo observar e conhecer a condição de vida dessas pessoas, para em seguida, baseando em teorias de diferentes áreas do conhecimento, identificarmos as principais funções desempenhadas por seus corpos, metaforicamente intitulados de corpo caracol (casa), corpo suporte (resistência) e corpo dissolvente (deterioração).

Ao final, percebemos que apesar de finalidades corporais distintas, todas elas convergem para um denominador comum: sobreviver mediante adaptação às necessidades e exigências da vida nas ruas. Condições que muitas vezes ultrapassam a moralidade e legalidade das ações, mas que nos espaços públicos, em meio aos silêncios das leis, são comuns, diárias e corriqueiras à sobrevivência dos sujeitos que fazem das ruas, praças, parques, becos, calçadas, marquises, viadutos e baixios a sua “casa” que, na realidade, é um não-lugar para estar (AUGÉ, 2001).

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Travessia do Século.).

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BOCAYUVA, Izabela. Parmênides e Heráclito: diferença e sintonia. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 51, n. 122, p. 399-412, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. Trad. Theo Santiago. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Trad. Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro, Ediouro, 2014.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico e outros textos**. São Paulo: Abril, 1973 (Coleção Os Pensadores.).
- FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2009.
- GABRIEL, o Pensador. O resto do mundo. In: _____. **Gabriel o Pensador**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1993. 1 CD. Faixa 10.
- GIORGETTI, Camila. **Moradores de rua: uma questão social?** São Paulo: PUC-SP, 2006.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HUME, David. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- LAZZARATO, Maurício. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 59-94. (A Política no Império.).
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme M. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Trad. Giasone Rebuá. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- MARX, Karl. **O capital**, v. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MATTOS, Ricardo M. **Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade**. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.
- PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão**. Deambulações Sociológicas. 3ª ed. Lisboa: Edições Machado, 2006.
- RODRIGUES, Igor de Souza. **A construção social do morador de rua: o controle simbólico da identidade**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- RODRIGUES, Lídia V. B. Pimentel. **Vidas nas ruas, corpos em percursos no cotidiano da cidade**. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Rita Correia Guedes. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SCHUCH, Patrice; GEHLEN, Ivaldo. A “Situação de rua” para além de determinismos: explorações conceituais. In: DORNELLES, Aline E.; OBST, Júlia; SILVA, Marta B. (Org.). **A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre**. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil, 2012, p. 11-25.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: _____; KUSCHNIR, Karina. (Org.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

SOBRE O ORGANIZADOR

Willian Douglas Guilherme - Pós-Doutor em Educação, historiador e pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-267-8

